



**APRESENTAÇÃO: DOSSIÊ TEMÁTICO “OS HOMENS
NEGROS NO BRASIL: QUESTÕES E PERSPECTIVAS
SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE RAÇA E GÊNERO
MASCULINO”**

PRESENTATION

PRÉSENTATION

PRESENTACIÓN

Rolf Malungo de Souza¹

Alan Augusto Moraes Ribeiro²

Henrique Restier da Costa Souza³

Pelo menos nos últimos vinte anos, temos visto a produção crescente de artigos, ensaios, livros e dossiês com trabalhos sobre homens negros e masculinidades, em grande parte, escritos e elaborados por homens negros. Esta produção faz parte de um movimento intelectual e político que tem articulado as categorias de raça, gênero, classe, regionalidade e sexualidade dentro de um campo intelectual explicitamente influenciado por autoras do feminismo negro, sobretudo estadunidense, intelectuais negros brasileiros e das teorias pós-colonial ou decolonial.

Neste período, a produção intelectual sobre homens negros e masculinidades divulgada em trabalhos escritos ou em discussões e apresentações públicas realizadas por Osmundo Pinho, Rolf Malungo e Alex Ratts e, mais recentemente, na produção feita por Deivison Faustino, Alan Ribeiro, Waldemir Rosa e Henrique Restier. Estes

¹ Antropólogo, professor da Universidade Federal Fluminense. E-mail: rolfsouza@id.uff.br

² Professor do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Oeste do Pará (ICED-UFOPA).

³ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP).



livros, coletâneas e a própria pesquisa acadêmica sobre o tema fazem parte deste movimento intelectual “de guerrilha”, atuando estrategicamente nos espaços e pontos cegos existentes no campo de pesquisas que mobiliza raça, gênero, classe, regionalidade e sexualidade. Este esforço intelectual se propõe, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o campo de gênero e raça; em outras palavras, estes trabalhos, talvez ocasionalmente, talvez espontaneamente, lembram-nos do poder heurístico e analítico dos conceitos e, por este motivo, explicitam a necessidade inegociável de resgate de teorias produzidas a partir dos problemas propostos.

Assim, classe e regionalidade são apresentadas como estruturas e conjuntos de relações, gênero e sexualidade são retomados como posições, saberes e práticas políticas sobre a diferença sexual e raça é reinstituída simultaneamente (e convenientemente) como um contexto relacional, estrutura política e instrumento indicial de saberes e vivências. Sob a perspectiva da articulação, estas categorias são amalgamadas umas nas outras na textualização da experiência diante da experiência textualizada, porém conceitualizada, exigindo um poder de descrição e autodescrição dos autores que desafia a própria escrita sobre si, demandando um novo olhar sobre este campo.

Na presente coletânea, a noção de honra masculina e a noção de status provedor da posição masculina é o mote central para a discussão etnográfica trazida por Júlio Araújo, em uma observação antropológica entre jovens negros do Recôncavo Baiano. Em um ensaio sobre juventude negra e futebol, Mônica Francisco aponta para uma dinâmica de preparação de jovens atletas negros do futebol como indivíduos responsáveis pela renda da família e como responsáveis pelo enriquecimento de empresários e clubes de futebol. Este trabalho de Mônica Francisco talvez seja um proveitoso chamado para outras discussões inéditas que possam descrever de modo mais profundo e com riqueza de informações e análises como podemos falar de uma racialização da profissão de jogadores de futebol e de um lugar contraditório que ocupam neste mercado bilionário.

Usando as figuras imagéticas da “lacreia” e do “negão de tirar o chapéu” como antinomias estereotipadas que circulam nas negociações e acordos de aproximação e distanciamento, escolhas e preterições em um serviço virtual de namoro, em uma “rede geossocial de relacionamentos”, André Francisco descreve como homens negros gays usam “a exacerbação de caracteres de uma masculinidade hegemônica, de um padrão



socialmente aceito e construído com base numa heterossexualidade compulsória” ao mesmo tempo em que são deslocados deste lugar em função da preterição, da demanda pela virilidade e pela exacerbação fálica que os parceiros pretendidos exigem para iniciar uma relação.

A descrição da dinâmica de funcionamento de um grupo chamado “Roda de conversa Homens Negros de Brasília” é o tema do artigo de Vinicius Dias. Definindo-o como um espaço no qual homens negros podem “conversar sobre si e o contexto social em que estavam inseridos”, a roda de conversa não é uma prática terapêutica, mesmo que a atividade tenha “efeitos terapêuticos nos participantes. O artigo de Daniel dos Santos é diretamente um esforço intelectual no sentido de “(...) problematizar questões relacionadas [com] as masculinidades negras através das perspectivas do pensamento feminista negro e decolonial”, isto é, o autor argumenta que o pensamento feminista negro pode ser um quadro teórico pertinente e produtivo para análises sobre masculinidades negras.

No artigo “Como matar lentamente a si mesmo e continuar vivendo”, Alan Ribeiro fala sobre a solidão afetiva e emocional onde discute distintos aspectos relacionados ao tema da solidão e o lugar dos homens negros cisheterossexuais e suas masculinidades racializadas. Flavia Medeiros, Sobre discursos e práticas da brutalidade policial: um ensaio interseccional e etnográfico, a partir de uma etnografia realizada na Divisão de Homicídios, escreve como objetos e símbolos são usados para reforçar posições de poder e valores de masculinidade associados à virilidade e ao uso da força, falando sobre seu lugar neste campo, sendo uma mulher negra, onde a maioria dos policiais é homem e brancos. Em uma perspectiva que guarda alguma semelhança com o trabalho de Flavia Medeiros, Gilson José Rodrigues Junior em seu artigo, Sobre o corpo racializado em campo: masculinidades negras e suas implicações para o trabalho de campo antropológico, fala de sua experiência como um antropólogo que produz um trabalho em Tuparetama, Pernambuco, e em Dakar, Senegal, onde ele vê que sua condição de pesquisador negro no Brasil passou por uma ressignificação importante no país africano.

Em seu artigo Homossexuais Negros no Brasil: algumas provocações à luz do debate sobre as masculinidades negras, Victor Leitão de Paiva descreve como são construídas as representações de homossexuais negros sujeitos nos discursos médico-legais e nas formulações acadêmicas no Pós-Abolição. Sandra Regina de Souza

Marcelino no seu artigo, Masculinidades, racismo e o desafio de corpos negros na escola: narrativas de homens negros, nos apresenta o relato de três homens negros, moradores de cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, onde eles falam de suas experiências cotidianas na escola. A autora fala sobre as experiências de gênero e raça no cotidiano escolar destes homens jovens.

Assim, o dossiê Os Homens Negros no Brasil: questões e perspectivas sobre as relações entre raça e gênero masculino nos brinda com uma série de perspectivas metodológicas, teóricas e epistemológicas, ao reunir mulheres e homens negros de diversas regiões do Brasil, campos do saber e experiências, que reunidas aqui, visam ampliar nossos entendimentos sobre as construções e possibilidades do masculino negro, potencializando novos rumos para um tema que apesar de já haver robustos estudos no Brasil ainda se encontra em processo de consolidação.

Sejam bem-vindos e bem-vindas e boa leitura!